



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

SABRYNA LISBOA FIGUEREDO NASCIMENTO

**TÍTULO: O USO DO DESENHO COMO FERRAMENTA DO ENSINO DE
HISTÓRIA NO FUNDAMENTAL EM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO: UMA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID, UFPA-ANANINDEUA**

ANANINDEUA, 2025

SABRYNA LISBOA FIGUEREDO NASCIMENTO

**O USO DO DESENHO COMO FERRAMENTA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO
FUNDAMENTAL EM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA A
PARTIR DO PIBID, UFPA-ANANINDEUA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade História, do
Campus Universitário de Ananindeua, da
Universidade Federal do Pará, como
requisito para obtenção do título em
Licenciatura em História.

Orientador: Túlio Augusto Pinho de
Vasconcelos Chaves

ANANINDEUA, 2025

O USO DO DESENHO COMO FERRAMENTA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO FUNDAMENTAL EM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID, UFPA-ANANINDEUA

Sabryna Lisboa Figueredo Nascimento

RESUMO: Na experiência da oficina realizada na escola Antônio Carlos Gomes da Costa, chamada "Cartografia da Liberdade", foi demonstrada a importância de metodologias ativas onde torna o aluno como protagonista de suas próprias histórias, abordando Isabel Barca sobre a valorização do seu conhecimento prévio da sala de aula sendo esse aluno do ensino regular ou socioeducativo. Entretanto, é importante afirmar que em regime socioeducativo é necessário senso de dinamicidade e tato maior para dar voz à essas histórias, considerando não só o ato infracional, mas também a própria autoestima do aluno em questão através do desenho, eles tinham a possibilidade de, não só contar suas histórias com leveza, mas também aprender de onde vieram e sobre patrimônio e territorialidade, tornando o conhecimento e a experiência de aprendizado tanto para os alunos em questão, quanto para nós aplicadores da oficina, fosse enriquecedora

Palavras-chaves: Socioeducação, oficina, desenho, estruturas de poder.

Muito se discute acerca da forma como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), transforma a percepção dos estudantes de graduação sobre o ensino e a sala de aula. Entretanto, a experiência no contexto da socioeducação apresentou-se como algo inusitado e inédito. Essa novidade decorre tanto do desconhecimento prévio acerca das abordagens pedagógicas utilizadas em ambientes de privação de liberdade juvenis quanto do preconceito e da falta de incentivo à visibilidade desse tipo de educação, o que marginaliza não apenas os jovens, mas também suas esperanças de ressocialização. A construção da oficina "Cartografia da Liberdade" ocorreu de forma interdisciplinar, integrando os fundamentos de história, geografia e pedagogia, formando uma síntese que possibilitou o ensino do eixo temático: Patrimônio, História Local e Territorialidades, supervisionado pelas professoras Érika Farias e Pâmela Silva. O objetivo da oficina consistiu em ensinar os alunos sobre patrimônio e história local de modo que pudessem reconhecer, com maior clareza e historicidade, os lugares de onde vieram e seus aspectos culturais. A proposta buscou valorizar as vivências

pessoais, destacando que, se o local de origem possui valor, os indivíduos que dele fazem parte também o possuem.

Nesse contexto, as alunas foram incentivadas a entender que seus atos infracionais não as definem e que novas perspectivas de vida são possíveis, para isso trabalhamos com um material didático primeiramente para conceituar os tipos de patrimônio e tendo conversas sobre a visão deles nos locais de origem.

A oficina foi aplicada em duas unidades do Colégio Antônio Carlos Gomes da Costa: a UASE I (Unidade de Atendimento Socioeducativo I) e o CESEF (Centro Socioeducativo Feminino). Contudo, a pesquisa focou na experiência no CESEF, onde o público-alvo incluiu cinco adolescentes com idades entre 14 e 17 anos. Observou-se cada etapa do processo de construção da oficina, com destaque para o trabalho do grupo de modelagem, que transpunha as histórias de vida das alunas para o papel de forma lúdica e sensível. Além disso, o relato incluiu a convivência com a realidade das socioeducandas, contribuindo para a desconstrução de estigmas e preconceitos associados à socioeducação. Foram promovidos debates sobre a realidade social, pertencimento, autoestima, protagonismo e liberdade no ensino de História.

Isabel Barca (2004, p. 131–144) destacou que, em uma aula-oficina, é fundamental interpretar o mundo conceitual dos alunos como um investigador social. Esse papel não se resume a apontar o que está certo ou errado, mas a conduzi-los a perceber que sua própria consciência e compreensão podem torná-los agentes ativos no processo de modificação ou aprendizado. Tal percepção deve ser fomentada por atividades diversificadas que valorizem as ideias e vivências dos alunos, reconhecendo que vestígios ou concepções formados no estágio inicial da educação são determinantes para o modo como o aprendizado será construído.

Imagens 1 - Processo da modelagem, arte feita pelo Canva



A oficina “Cartografia da Liberdade” marcou a trajetória dos bolsistas e das socioeducandas. A riqueza dos detalhes do processo enriqueceu o trabalho, promovendo um ambiente seguro para compartilhar histórias pessoais. Ressalta-se que a oficina respeitava os limites das alunas, sem forçá-las a abordar seus atos infracionais. O enfoque estava em fomentar o senso de identidade, resgatando lembranças que pudessem oferecer conforto e esperança de novos caminhos.

É importante lembrar que a oficina não forçava as alunas a contarem o que não queriam, ou coagi-las de falar sobre seus atos infracionais, mas sim sobre mostrá-las o senso de si mesmas, de suas identidades e lembranças de conforto e esperança de que podem tomar caminhos diferentes a partir daí, sem julgamentos, pois, apesar de tudo, são jovens com uma autoestima e expectativa de vida baixa que precisam ser assistidas com maior zelo.

Foi observado que as regiões, cenários das histórias, em sua maioria era do interior do estado como Mosqueiro, Eldorado dos Carajás, Ipixuna, Parauapebas, e também uma das histórias ambientada no bairro da Terra Firme, região conhecida por ser um dos bairros periféricos de Belém.

O desenho como principal ferramenta representa o lúdico e a leveza das histórias, garantindo o sentimento de conforto, nostalgia e humor sobre aqueles relatos, seja para contar sobre como foi salva de se afogar por um cachorro ou as aventuras de fugas rebeldes em busca de diversões. Seja qual for das cinco histórias, elas não superaram a experiência de escutar ela sendo construídas, por isso que a modelagem tinha um papel tão importante, arte usada como instrumento de conexão, ressocialização e aprendizado.

Segundo Antônio Carlos Gil (2004), o processo da seleção de fontes imagéticas são recursos que contribuem com a ideia do imaginário sobre História, o que torna mais motivador para as alunas. Foi desenvolvido, além do material didático, paisagens pré prontas desenhadas pelas artistas envolvidas na modelagem também bolsistas do PIBID, assim como moldes de bonecos articulados disponíveis para cortar e montar no papel, acompanhado de roupas, cabelos e acessórios, como forma de incentivo, caso não estivesse confortável em desenhar por si mesmas, além da disponibilidade das artistas desenhando as ideias das socioeducadoras. Foi observado que das cinco garotas, uma não estava tão envolvida, era mais reclusa, e uma delas se motivou a mais na parte de desenhar a mão livre.

A prática do desenho ainda é pouco valorizada quando se trata na utilização do ensino “sério” de história. Peter Burke (2004) já comentava sobre a invisibilidade do visual, pois, assim como foi observado a relação do homem com passado, foi observado que

historiadores terem a preferir fatos, textos e densidade de documentos ao invés da reflexão profunda que o visual permite, vista como condescendência.

Imagens 2 - Modelagem das paisagens e boneco articulado, arte desenhada e feita, montagem feita pelo Canva



Mas afinal “uma imagem vale Por mil palavras” e é sim capaz de transmitir sentimentos e narrativas vivas. O desenho não é apenas uma imagem, é sim um narrativa produzida e energizada para tomar vida em papel. O ensino de história através da história de vida se torna relevante a partir do momento em que os historiadores, segundo Rüsen (pg.86, 2007), tomam consciência que podem e querem causar efeitos através de suas práticas longe da neutralidade. A partir disso, o saber histórico tornou-se alvo para a intencionalidade de suas ações e a formação da identidade de indivíduos.

Quando essas experiências são ligadas a violência, o conveniente se responderia com violência como mecanismo de defesa. A subversão de visão em outra perspectiva em que a realidade é melhor e que esse indivíduo é tomado como “decente” ou “civilizado” é muito mais difícil, não só pela visão e preconceito dessa sociedade, mas a naturalização desses ideais na cabeça dos adolescente que estão estado de formação, torna o processo complicado e às vezes até dramático.

O corpo feminino por si já é marginalizado e oprimido, a realidade de uma adolescente, pobre e em situação de privação de liberdade é de fato uma perspectiva delicada. O CESEF demonstrou de forma mais clara aos bolsistas a realidade imposta a essas jovens, muitas têm seus sonhos e vaidades individuais, sendo a vontade dar um futuro melhor para sua filha e se tornar enfermeira, ou até mesmo estudar pra ser agente penitenciária, de qualquer forma,

mesmo com acesso à educação melhor, seus históricos se tornam manchados e condenados por erros que cometeram por conta de um sistema que incessantemente insiste em errar com elas.

Metodologicamente falando, o ensino de história ligado a BNCC no fundamental inicia seus anos iniciais com a obrigatoriedade do ensino de, antes de inserir os conteúdos datados, noções de personalidade, tempo e espaço, para então aprender ideias externa a si, como a comunidade que está inserido e ao outro. As alunas na faixa etária de 14 a 17 anos apresentadas na oficina, por falta de suporte e infraestrutura, às vezes se perdiam quando era solicitadas para contar histórias sobre suas próprias vidas e seus espaços, tanto por acharem que se perderam em vida resultou na privação da liberdade delas, quanto por ignorância dessas noções que deveriam lhes ser apresentadas em seus anos iniciais.

Quando se bota em foco todo um sistema em que ser jovem e pobre é ser perigoso é posto um estigma enorme ligando a criminalidade com toda uma construção social e repressão naturalizada, tirando oportunidades de jovens (COIMBRA, C. M. B & NASCIMENTO, M. L., 2005). A socioeducação mostrou o ensino dentro de locais em privação de liberdade juvenis, aqui no Pará coordenados pela Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA), órgão de extrema importância na assistência de recursos e atividade desses locais, se concentrando não apenas na detenção desses jovens mas também em sua ressocialização, oferecendo o ensino, atividades culturais e formação em cursos e estágios. O colégio em questão, em suas várias unidades, é chamado Antônio Carlos Gomes da Costa por um motivo, pois é o nome de um dos educadores que mais levantou a bandeira em defesa da socioeducação e sobre o protagonismo dos alunos perante seu aprendizado. No livro “Protagonismo Juvenil: O poder do jovem na transformação da sociedade” (2006) ele esclarece sobre esses alunos reconhecerem e conhecerem seus direitos e a fase da juventude é marcada por fases decisivas e fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, é imprescindível o acolhimento e inclusão no ensino. O protagonismo dos alunos foi muito importante para o processo da oficina, pois não eram apenas histórias desenhadas no papel, eram as histórias delas, eram suas origens e os lugares que passaram, seus sentimentos de pertencimento e seu reconhecimento enquanto sujeito histórico. Cláudia Alves dizia que houve uma perda de espaço para tratar o passado como passado, o reduzindo a narrativas simples e ingênuas (pg. 207, 2012). Com isso, a visão do sujeito do presente como agente histórico se tornou defasada, tornando pensamentos como “já não se fazem gênios como antigamente” cada vez mais frequentes, talvez quando talvez na verdade os gênios nasceram

perante esse sistema porém não os foi dado recursos e oportunidades por conta do estigma sobre a pobreza e a mania de grandeza de alguns que se acham gênios mas apenas se aproveita de seu poder para transformar opiniões vazias, talvez carismáticas para alguns, em genialidade bancada grandes fortunas.

A ausência do conhecimento de seus direitos e sua história se torna perigoso quando vem aliado a conformidade e alienação perante as violências sofridas e naturalizadas, e nesse ponto o conhecimento e o incentivo ao ensino de história é colocado em prática de uma maneira fascinante e delicada. Todo treinamento ou preparação teórica não prepara um professor para entrar em uma sala de aula socioeducativa, na qual, no máximo, quatro alunas por sala, um modelo de aula muito mais individual, subvertendo o conteudismo, pois ali os alunos não estão interessados em saber como aconteceu a revolução francesa tendo sido alvos de uma repressão punitiva por seus atos, então mostrar pra eles que eles são agentes históricos ativos os dá noção que suas ações têm consequências e que eles podem fazer algo grandioso se estiverem dispostos seguir caminhos melhores.

Tendo em mente tudo isso, chegamos a problemática que circunda toda essa realidade: a investigação sobre como as estruturas de poder afetam essas alunas a terem o acesso ao conhecimento devido para sua garantia de direitos dentro e fora da medida socioeducativa. Muitas vezes, esses jovens precisam estar nas unidades de privação de liberdade para ter acesso a direitos básicos, como saúde, segurança, educação e oportunidades de estágios e oficinas.

Nesse processo incessante de uma promessa de uma mobilidade social, muitos acabam se perdendo por uma análise distorcida da educação por conta de dos mecanismo dominação que é imposto sobre a consciência do dominado de forma simbólica, de maneira mais clara: invisível e naturalizada ao ponto nem ser questionado, pois os mais velhos insistem que tudo funciona de determinada forma desde que o mundo é mundo (BOURDIEU, 2010).

Jovens expostos a determinadas realidades sem preparo ou estrutura que os assistam recorrem a soluções e caminhos que lhes são oferecidos no espaço. Dito isso, essa dependência por essa ascensão e relevância, perante um meio torna suas vontades se tornam reféns de imposições inalcançáveis pois foram construídas durante séculos e séculos por uma elite que reforça a ilusão de liberdade ao povo que está na camada mais abaixo, e seu capital social, simbólico e cultural ainda estará comprometido. Esse mesmo sistema que oprimia esses jovens e os fez optar ou serem direcionados a criminalidade, sem floreios ou romantizações pois a conjuntura de fato é cruel e visceral para quem não é favorecido dela.

O interessante encontrado durante a pesquisa foi a possibilidade de debate entre Bourdieu e Michel de Certeau, um pouco complicada e um tanto malquista, mas sem dúvida intrigante. Ambos os autores têm visões válidas sobre o funcionamento dessas estruturas de poder, ambos carregam uma densidade de conteúdo e linguagem, entretanto divergem em muitos aspectos. Certeau (1994), em seus escritos inteira muito a natureza “douta ignorante” e teórica de Bourdieu, se definindo como um “caminhante inumerável”, determinando que alguém analisar a sociedade de cima se torna distante imparcial demais, beirando ao pessimista, o que muitas vezes confundem o próprio Bourdieu com o pensamento estruturalista, pois ele mesmo que tenha noção que estamos dentro de um sistema que oprime, rodeado de regras e paradigmas, ele critica o estruturalismo justamente a visão objetiva sobre essas relações de poder e acredita que sim, pessoas são agentes ativos para a interpretação e transformação de regras.

Na perspectiva de Certeau, de fato as narrativas de um caminhante se tornam interessantes a partir do olhar mais pessoal sobre o meio e os indivíduos, dando foco sobre a criação de fissuras de locais de liberdade, às vezes muito pequenas para serem significativamente vistas, mas sem dúvida são válidas. O próprio Certeau afirma que “uma marginalidade não é mais de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada (...). Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa”. Na oficina Cartografia da Liberdade foi observado essa visão de maneira clara, contando com a elucidação no qual, Bourdieu relacionado ao externo implementa o mundo, a sociedade, o espaço que as alunas estavam inseridas, com regras, leis e relações de poder, apesar do meio os indivíduos são dotados criatividade e de livre arbítrio, Certeau relacionado ao interno da medida conta sobre a garantia de direitos em privação de liberdade e de como a importância de novas visões por meio de atividades estimulantes como a oficina fazem diferença para o reconhecimento de sua própria importância e valor, e talvez com essa estimulação de visão mais crítica e sensível, é possível a criação de fissuras ainda maiores de transformação de locais de liberdade e um maior preparo para o mundo lá fora com mais consciência, oportunidade de sonhar com uma vida além do ato infracional e conhecimento de seus direitos.

Levando esse debate para o debate em contexto socioeducativo, a estimulação de possíveis oportunidades, como estágios, cursos, incentivo à leitura e as próprias atividades como a oficinas são vistas como pequenas fissuras no sistema, que por mais que a liberdade seja privada devido a infração, é importante dizer que a educação, principalmente de crianças e adolescentes, nunca deve ser punitiva, e sim baseada na ressocialização. A perspectiva

**Imagens 3 - Processo da oficina e desenhos,
montagem feita no Canva**

Os desenhos foram contados para os alunos, com um gesto e alguns fizeram questão de também fazerem seus próprios desenhos.

Histórias e suas Lançamentos

Exemplo:

de um lado

Meu nome é...
Eu sou...
Eu gosto de...
Eu não gosto de...
Eu quero ser...

Muitas ideias, muito trabalho e esforços para um melhor conhecimento das histórias.

A necessidade da desnaturalização dessa visão pedagógica conservadora no ensino de história equipara a educação à medida que as alunas enxergam que suas experiências são importantes para seu aprendizado e cada um tem sua origem e forma de aprender, e o desenho pode sim ser uma ferramenta lúdica porém significativa para construção de recontar essas histórias, e a medida que ganham confiança para desenvolver esse aprendizado, se tornam mais resistentes e preparadas para o mundo lá fora, pois a escola como instituição não é garantia de mobilidade social, mas a educação pode ser através de metodologias ativas e transformadoras, ressaltando a importância de um pensamento crítico e identidade.

10

se tornou o conforto perante a oficina que demonstrava a importância dessas narrativas postas em quadrinhos desenhados. Muitos desenhos contavam histórias sobre fugas de casa em busca de diversão e aventuras que se metiam perante suas realidades, famílias e amigos, foi o que deu a sensibilidade e realidade dessas histórias, a vulnerabilidade e o sentimento de esperança perante esses locais de liberdade e sentimento de maior preparo para o mundo lá fora.

Isso vai de encontro com a relação entre Certeau e Bourdieu a medida que as entrelinhas dos desenhos são reveladas e dão foco para as problemáticas que o mundo que elas foram inseridas as consomem e aquele espaço, que no caso é uma unidade socioeducativa, que no imaginário preconceituoso deveria punir essas adolescentes, lhes dão oportunidades de locais liberdade e humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências

ALMEIDA, A.; TEIXEIRA, L.** Editorial Histórias de vida como estratégia para enfrentar os desafios atuais na educação. **Revista Crítica Histórica**, v. 14, n. 28, p. 1–4, 20 dez. 2023.

ALVES, C.** O educador e sua relação com o passado. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 28, n. 3, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/21035>>. Acesso em: 3 set. 2024.

ALVES, C.; OLIVEIRA, D.** Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora. **A Socioeducação para além do aparente** XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arqui-vos/00195.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2024.

BITTENCOURT, C. F.** Reflexões sobre o ensino de História. **Revista Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-49, 2018.

BOURDIEU, P. Escritos de educação. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. .

BOURDIEU, Pierre.** A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs.).** **Escritos de Educação: Pierre Bourdieu**. Petrópolis-RJ: Vozes, 9ª ed., 1998a.

BOURDIEU, Pierre.** Sobre o poder simbólico. In: **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 07-16.

BURKE, P.; XAVIER, M.** Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação demográfica*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000. COIMBRA, Cecília M. B.;**

NASCIMENTO, Maria Lívia do. Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? Disponível em: <<https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2024.**

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. GOMES DA COSTA, A.** Adolescente como Protagonista. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2018/09/10_texto-adolescente-com-o-protagonista.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.**

RÜSEN, Jörn. *História viva: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.**

SILVA, M.; GOMES, J. Letramento crítico e formação integral em uma unidade socioeducativa de internação de Ananindeua-PA. *Iniciação & Formação Docente*, v. 9, n. 1, p. 44 a 55, 2022. SILVA, W.** Universidade de Brasília - UnB Faculdade de Educação - FE Aspectos críticos do protagonismo juvenil em Antônio Carlos Gomes da Costa. Brasília-DF, dezembro de 2015. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18307/1/2015_WesleySantosSilva_tcc.pdf>.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ NÚCLEO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO BÁSICA - NEB PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO E GESTÃO DA ESCOLA BÁSICA - PPEB LEILA DE CÁSSIA ARAÚJO PEREIRA. A implantação da Escola Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa e a garantia do direito educacional no sistema socioeducativo paraense. Belém/PA, 2022. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://ppeb.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2022/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20LEILA%20DE%20CASSIA%20ARAUJO%20PEREIRA.pdf>>.**

Acesso em: 3 set. 2024.